



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Roberta de Lima Amaral

**Gostar ou não gostar, eis a questão: conversando sobre o mito da leitura  
nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.**

São Gonçalo

2010

Roberta de Lima Amaral

**Gostar ou não gostar, eis a questão: conversando sobre o mito da leitura nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.**

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Gláucia Campos Guimarães

São Gonçalo

2010

Roberta de Lima Amaral

**Gostar ou não gostar, eis a questão: conversando sobre o mito da leitura nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.**

Monografia apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Doutora Gláucia Campos Guimarães (Orientadora)  
Departamento de Educação da  
Faculdade de Formação de Professores/UERJ.

---

Professor Doutor Rodolfo dos Santos Ferreira.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**São Gonçalo  
2010**

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração desse trabalho monográfico constituiu-se de observação e muitas conversas.

Agradeço aos meus pais e a todos que me incentivaram e auxiliaram nessa jornada.

Aos meus colegas de graduação, em especial a Mairy Moreira de Azevedo e Michelle Puente de Azevedo pelas contribuições valiosas, apoio e momentos de reflexão durante essa caminhada.

A todos os professores que souberam tão bem conduzir suas aulas com transparência e ética as atividades realizadas durante o curso.

A minha orientadora, Professora Gláucia Campos Guimarães, que pacientemente aceitou orientar e nortear uma aluna até então desconhecida por ela.

A disponibilidade e apoio da Escola Municipal Armando Leão e Externato São Carlos, seus diretores e coordenadores, de sumária importância para a elaboração desse projeto.

Não é possível refazer este País, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

## RESUMO

A criança é concebida como um ser dinâmico, que em todo momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Curiosos de nascença, o ser humano tem essa necessidade da experimentação, do saber e conhecer. Pensar na questão da leitura em sala de aula, sua possível obrigatoriedade, observar a reação de nossos alunos mediante a proposta da leitura, ouvir suas críticas, observações e idealizar em conjunto um projeto que viabilize essa questão a pô-la em pauta nos debates diários. Essas são questões que por vezes deixados de lado em nossa vida escolar e que influenciam nossa práxis. Como que uma criança dantes empolgada com a leitura e esse mundo literário acaba perdendo o interesse? Realmente ela o perdeu? Ou seria o caminho que lhe é proposto não a agrada? Tendo um leque de abrangências e considerações sobre o que realmente é leitura, essa pesquisa propõe uma conversa com autores e alunos sobre esse mito, revelando verdades e incertezas nesse caminho tão fantástico que é o conhecimento deixando clara a necessidade de reflexão sobre o papel da mídia na formação de leitores.

Palavras- chave: Leitura. Escola. Prazer. Obrigação. Reflexão.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1. CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO E LEITURA NA ÓTICA DE ALGUNS AUTORES</b>	<b>11</b>
1.1 Conceituando e considerando leitura (s)	16
1.2 A influência da mídia na formação de leitores	18
<b>2. A VIAGEM</b>	<b>22</b>
<b>3. SOBRE A PESQUISA</b>	<b>24</b>
3.1 Primeiro momento	26
3.2 Ouvindo e aprendendo	30
<b>4. DESEMBARCANDO</b>	<b>35</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

O pensar na leitura hoje em dia nas escolas levanta questionamentos relevantes sobre o fato da importância desse hábito nesse cotidiano e como ela é vista normalmente, tanto por diretores, professores, alunos e a própria comunidade em seu entorno.

Sabemos que leitura pode realizar efeitos maravilhosos na vida de cada um. Emancipa o cidadão, o eleva a criticidade, o faz perceber coisas que antes seria facilmente despercebido.

Ler não significa apenas juntar letras, signos. Ler é o algo mais, é refletir, argumentar, discutir, imaginar, criar.

A Infância é o momento em que as crianças estão mais propícias a desenvolver hábitos que serão seguidos futuramente, por isso é essencial estimular as crianças a gostarem de ler desde bem pequenas e oferecer condições para tal.

Quando eu era criança estudei em colégios, que mesmo pequenos e humildes, exploravam nossa imaginação de modo que conseguíamos falar nossas histórias, interferir nos finais de outras, dizer o que achamos, analisar, da nossa forma e as lições que poderíamos aproveitar de cada uma delas.

Lembro-me de várias atividades de recorte e colagem, que depois viravam histórias, murais, projetos, exposições para os pais e fotos para memória. Observo, ao longo dos anos, que esse estímulo pode ter sido de grande valor para mim, mas não foi suficiente para tantos outros.

Nossos alunos têm chegado às escolas com níveis diferentes de aprendizagem e um mesmo patamar escolar. Em uma mesma sala existe uma pluralidade considerável de percepções escolares. Uns com mais dificuldades, outros com peculiaridades específicas na forma de compreender os conteúdos.

As escolas nem sempre estão preparadas para receber alunos com tamanhas dificuldades. São salas de aulas em tamanho reduzidas, faltas de recursos e materiais didáticos que auxiliem na aprendizagem, professores carentes de leitura, desmotivados e até mesmo despreparados para assumir esta difícil missão.



O que resta são as reclamações. Os diretores reclamam que o cronograma não está sendo cumprido, os professores reclamam que os alunos não possuem os pré-requisitos necessários para ocuparem a posição que estão, pois são frutos de um programa pré-estabelecido, que os impedem de realmente passar por mérito, e os envolve nessa esfera de não ter o direito de tentar mais um ano, de se aprofundar no que se é ensinado. E aos alunos, resta seguir em frente, sendo empurrados ciclo a ciclo, ano a ano. Sentindo-se sem preparado, sem estímulo e até mesmo acreditando serem incapazes de realizar qualquer tarefa.

São alunos que relatam dificuldades em ler, escrever, produzir e interpretar textos, seja em qualquer forma que se apresentem.

Ler um texto não acompanhado de reflexão não constitui caminho para o entendimento da realidade. Será mera reprodução do que o autor pensa?

Quantas vezes se lê mecanicamente e, no final da leitura, não se consegue resumir as principais idéias que o texto pretende transmitir?

Infelizmente é esse o quadro encontrado nas escolas brasileiras. Textos desassociados do interesse dos alunos, apresentados de forma obrigatória, levando novamente a associação e perpetuação da cultura do ler para a prova, para o teste. Ler para ser aprovado.

A escola é a mais notória instituição nesse exercício de formação de leitores e tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para o conhecimento e interações com a língua escrita, mas não é a única, mesmo que por vezes esse trabalho seja feito isoladamente de tantas outras, como a própria família, que não incentiva esse aspecto de seus membros, colocando a cargo da escola total responsabilidade em todo processo de vida de uma criança. Com efeito, a escola é fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura.

Na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto. No dia-a-dia, uma pessoa pode ler para agir ou reagir – ao ler uma placa, uma propaganda ou para sentir prazer, ao ler um gibi ou um romance, ou, ainda, para informar-se, ao ler uma notícia de jornal.

Levando-se em consideração que ler não está condicionado apenas a livros e que vivemos num mundo multimidiatizado em que as informações nos chegam a todo instante por meio da televisão, por meio de mensagens instantâneas e e-mail, conduzidos pela grande rede de computadores, a leitura tem seu sentido expandido nesse projeto.

O que acontece com esse aluno, que dentro de uma instituição de ensino não demonstra reação alguma a leitura de um texto, a manutenção de um livro, mas ao sair da mesma, se revela um leitor voraz de mundo?

Esse aluno não gosta de ler? Ou não quer ler nem muito menos se envolver nesse processo?

Muitas vezes, percebemos que as crianças, antes de entrarem para a escola, desejam ler, têm ansiedade de se comunicar através da língua escrita, mas à medida que vão avançando nos níveis escolares, parecem se distanciar da leitura.

Então, o que será que acontece no decorrer dos anos letivos? Será que a escola desestimula a leitura?

Levamos a hipótese que, mesmo não sendo o único motivo, as práticas escolares desestimulam a formação do leitor. E esta constatação pode se transformar no desafio para repensar uma práxis estimulante e envolvente, que desperte essa vontade de entrar em contato com o mundo da leitura, ouvir histórias, escrever as suas, contar aos amigos.

Fomentar a arte da leitura e o interesse pelos livros, despertar o interesse de todos, inclusive dos pais, sobre a necessidade de adquirir livros e assim criar uma cultura de leitura é uma dos desafios que a escola vive hoje.

A criança e o jovem precisam ser seduzidos para a leitura, desconsiderando neste processo qualquer artifício que possa tornar a leitura uma obrigação.

A importância de desenvolver este estudo é investigar a forma como a leitura é abordada na escola, ressaltando a importância de uma prática educativa, que fuja da dita “educação bancária” (Freire, 1985) e que conceba a leitura como um hábito prazeroso e não como obrigação. Além disso visa analisar os processos escolares de estímulo e formação de leitores, para, assim contribuir para a reflexão no processo de formação de leitores críticos nas escolas.

A partir destes questionamentos, essa pesquisa se faz presente. Em que momento o prazer que a leitura proporciona se perdeu? Perdeu-se realmente? O que tem acontecido nas escolas que desmotiva esse aluno? Que formas de contribuição para no processo de formação de leitores tem-se exercido?

## 1. CONVERSANDO SOBRE EDUCAÇÃO E LEITURA NA ÓTICA DE ALGUNS AUTORES.

*Lê-se para entender o mundo, para viver  
melhor.*

Marisa Lajoto

A criança é concebida como um ser dinâmico, que em todo momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas.

Segundo Cotrim, confere ao homem a capacidade de mudar seu comportamento de acordo com suas necessidades, assim observamos a flexibilidade do ser humano mediante ao ambiente exposto.

Sabe-se que o processo de desenvolvimento da educação brasileira se deu de forma excludente, onde uma pequena parcela da população era assistida, enquanto milhões de brasileiros foram impedidos de ter acesso a escola ou permanecer nela.

Em outra conjuntura, o sujeito já passa a ter um novo papel, nas palavras de Neidson Rodrigues “está explícito nas propostas de Universalização da escola e no objetivo de realizar a preparação dos indivíduos para a vida social, através do desenvolvimento de competências exigidas na sociedade moderna.” Competências essas dadas em três áreas. Na área da cultura, entendida não no sentido renascentista, como “saber das letras e das artes”, mas como a compreensão e observação pelo cidadão dos valores que compõem a expectativa da classe burguesa, nomeada pelo autor como “visão de mundo”, onde a escola foi elaborada para inserir o sujeito na visão de mundo criada e mantida pela sociedade burguesa.

Preparar o sujeito para esta nova ordem, não seria dotá-lo de informação, mas fazer com que este aceite a visão de mundo imposta pela classe burguesa, e observa-se isso com o apoio da mídia, que faz com que o sujeito aceite a realidade colocada por essa sociedade.

Nessa perspectiva, educar e ir a escola se torna sinônimo de treinar e o período que o cidadão a frequenta não é vista senão como um intervalo na qual

as pessoas só passam enquanto aguardam o momento de se tornarem “úteis” a sociedade.

É cruel pensar que nos dias de hoje ainda existe esse processo de exclusão dentro da própria escola, ou até mesmo antes dessas crianças entrarem nela.

No olhar de Henry Giroux, introduzindo a obra de Paulo Freire juntamente com Donaldo Macedo, Gramsci analisou a alfabetização como um conceito e como prática social que devem estar vinculados, ao conhecimento e poder e por outro à luta política e cultural e deveria se batalhar por ela tanto como uma construção ideológica quanto movimento social.

Ainda nessa perspectiva gramscianiana, a alfabetização tornou-se uma modalidade de crítica e a educação uma arma contra a hegemonia, que pudesse demonstrar a importância de desenvolver políticas públicas democráticas como parte da luta moderna contra a dominação. Uma sociedade que sabe se expressar e falar o que quer, é menos manobrável.

A educação precisa ser emancipadora nesse sentido. Além disso, o processo não começa apenas com o aprender ler e escrever, decodificar, começa com o fato da existência e consciência de cada um como um sujeito crítico, parte e feitor da história, ou sua, ou da sociedade em que vive.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's que nos norteiam à execução dos trabalhos escolares, *“O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.”*

A educação constitui, sem sombra de dúvida, a mais importante vertente do desenvolvimento social, cultural e econômico de um País, assumindo assim uma grande importância em nível pessoal, social. Mas, para que o desenvolvimento educacional seja impulsionado, o ambiente precisa ser apropriado para o surgimento, produção e divulgação do conhecimento

A primeira vista, ler pode ser encarado apenas como entender o que está escrito, decifrar letras, códigos e outros sinais, saber o que eles significam. Tem-se a impressão de que se a criança aprendeu a decifrar os sinais de escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam explicitados no texto. Esta

concepção é vista como primeira a ser consolidada nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Paulo Freire, o respeito de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento.

O aluno é um ser complexo, a junção da criança e do que chega a ser como aluno, antes da escrita propriamente dita, a criança lê seu mundo, as coisas que o rodeiam, imagina situações e as dita claramente, as inclui em histórias pré- moldadas, se faz ouvir.

Este olhar sobre leitura quando nos diz que a “leitura do mundo” precede a leitura da palavra, ou seja, a compreensão do texto se dá a partir de uma leitura crítica, percebendo a relação entre o texto e o contexto, a realidade no qual se está inserido.

A leitura como um instrumento para melhores condições de vida, é avaliada a favorecer e saber expressar, comunicar-se e a melhor forma de integrar-se ao meio da sociedade. A compreensão e interpretação são vistas como uma aprendizagem que se inicia antes mesmo de sermos capazes de ler com autonomia, mas que diferente da primeira concepção consolidada, nunca termina. Os passos iniciais do hábito de ler cabem a escolar ensinar e os exemplos, tanto por parte da família e professores são importantes.

Mas, ao contrário da maneira encontrada, de forma errônea, essa insistência de professores e professoras, em que estudantes leiam livros, textos extensos, apostilas, com a obrigação de provas, resumos, testes, a leitura deve ser concebida sem imposições, mesmo que estas se façam necessárias e presentes, e que principalmente, faça sentido aos leitores. A educação não pode estar alheia às histórias e aspectos de onde vivem estes alunos. O conteúdo quando não é desvinculado ao mundo real, tem sentido, não é artificial.

Faz-se necessário mostrar que o ato de ler além de poder ser usado como obtenção de informações pode ser muito prazeroso, fantástico e lúdico.

A importância da aprendizagem da leitura é conhecida, como também a dos hábitos e habilidades de leitura para a real integração do aluno ao seu

meio ambiente, a sua sociedade. Então, onde está a dificuldade em ler e interpretar?

Para Bacha e Keithahn o ato de ler é um processo complexo, onde se podem diferir alguns elementos totalmente ligados a experiência do leitor como a percepção da palavra, reconhecimento da palavra e compreensão dessa palavra lida, sendo essas duas simultâneas, enfatizando assim a importância da relação da leitura com o cotidiano do leitor, mesmo que não diretamente, entrando assim na função do professor realizar essas pontes, essas relações, identificando e auxiliando aos alunos no entendimento do que está escrito, introduzindo esse prazer pelas descobertas.

Para se ensinar é necessário saber como é que este alguém aprende. A verdadeira aprendizagem deve ser plena de significados para a criança, expandindo essa regra não só a leitura e escrita, mas em todos os conteúdos e disciplinas necessárias na formação de nossos estudantes.

A criança entendendo o quanto é útil uma leitura lhes possa ser, se empenharão mais em sua aprendizagem, que certamente será mais eficaz.

Para desenvolver a leitura, é preciso preparação, por parte dos professores, e por parte dos alunos também.

Como diz o artigo de Márcio Ferrari à revista Nova Escola, quanto mais cedo uma turma começa a conviver com uma variedade de estilos, gêneros e assuntos, mais autonomia de leitura ganha.

Esse pensamento se repete na matéria do Caderno Megazine, publicada pelo Jornal O Globo, onde alunos de Ensino Médio de várias escolas cariocas foram questionados sobre a leitura obrigatória dos grandes clássicos da literatura brasileira e mundial. O resultado foram alunos descontentes, não com a leitura em si, mas com o modo imposto a eles e como estes livros são explorados.

Formar leitores é muito maior que apenas a disciplina de Língua Portuguesa, deve começar cedo e ser continuada, e a variedade de textos é essencial para o desenvolvimento e intimidade com a leitura, respeitando sempre a proporção diferente que cada um a desenvolve.

Para tal, os professores precisam fazer relações que permitam a compreensão, idéia exposta anteriormente e repetida aqui, ler textos com os

alunos e para os alunos, esclarecer dúvidas, e principalmente, enfatizar previamente o objetivo do que se pretende ler.

Ainda sobre a ótica de Bacha e Keithahn, o maior auxílio da leitura é permitir aos nossos alunos obter o significado de uma página impressa, é um motivo de realização, e será mais bem realizado se para cada situação de leitura houver um objetivo, sempre sendo orientadas de como o ato de ler os auxilia a encontrar prazer em diversos usos, não sendo só o uso escolar.

Em motivo da morte do bibliófilo José Mindlin (1914-2010), foi publicada na coluna de sua sobrinha neta, Antonia Leite Barbosa uma lista, que segundo a autora, se configura como “valiosas dicas para quem ainda não foi tomado pelo incurável vírus da leitura”, deixados por seu tio avô.

Dicas como: *“Quanto mais cedo melhor. O ideal é começar na infância, mas o importante é que o livro não seja imposto, e sim que surja e se desenvolva por sugestão e pelo exemplo. O exemplo de leitura dos pais ajuda muito, assim como a presença de livros em casa.”* E *“Não importa o que se leia de início, o gosto se refina. O mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual. Isso não exclui, no entanto a vantagem de certo aprendizado, pois há livros que é pena não ler.”*

É preciso introduzir o hábito da leitura desde cedo, não esquecendo a questão do exemplo. A escola se configura o principal espaço de conhecimento, de aprendizado, mas obviamente não é o único.

Por mais que na correria do cotidiano esse lado em casa é esquecido, o exemplo vindo dos pais é primordial para a formação do caráter do cidadão, visto que aprendemos desde o berço por imitações. A Educação precisa acontecer no contexto familiar, ambiente onde os conceitos e valores são transmitidos de pais para filhos e ao contexto escolar cabe ampliar essas ações iniciadas e incentivadas na família.

Mais uma vez, o despertar nos alunos o interesse pela leitura é função do trabalho escolar com o total apoio da família. É preciso envolver a família neste processo, para compartilhar e enriquecer a experiência leitora dessas pessoas.

É preciso permitir os alunos estabelecer relações entre as diversas áreas do conhecimento e favorecer a manifestação de seus sentimentos e opiniões.

Educar é um processo que jamais se basta, que nunca termina, deve estimular o homem o que ele tem de melhor e prepará-lo para a vida.



## 1.1 Conceituando e considerando leitura (s)

*Lei.tu.ra sf<sup>1</sup> 1 Ação ou efeito de ler. 2 Arte de ler. 3 Aquilo que se lê.*

Dicionário Michaelis Trilíngue

A idéia de conceituar alguma palavra nos remete imediatamente a utilização do velho dicionário para tal.

Com a modernidade e avanços tecnológicos, é quase dispensável manipular aquele livro com muitas páginas, empoeirado, no canto da estante, podendo utilizar com a mesma precisão a internet, em endereços eletrônicos que realizam os mesmos serviços.

De qualquer forma, o conceito pode variar a maneira com que se é pesquisado ou as palavras que o define, a essência é a mesma.

Conceituar leitura como apenas a ação de ler é colocar toda essa pesquisa em cheque. Toda a discussão aqui levantada seria então desnecessária.

Seria, caso não houvesse algo mágico, que deveria vir apregoada a definição de leitura. A interpretação!

Smolka ao citar Vygotsky destaca que a linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento, e por isso mesmo, transformadora.

Percebemos que a criança consegue interpretar quando observamos a inserção em seus textos de seus próprios discursos, seus pensamentos, enfim a criticidade necessária a todo cidadão.

Ler não é apenas ler. Não é apenas juntar as letras do alfabeto e decodificar. É também entender, interferir, criticar, compreender mais uma vez. Ler é um ato libertador.

---

<sup>1</sup> Sf: Substantivo Feminino

Gontijo alerta que no ensino, não adianta apenas teorizar, ficar no discurso do valor da leitura. É preciso constituir mecanismos e estabelecer práticas e vivências para a sedimentação real da leitura na vida do educando.

A presente pesquisa considera então o ato de ler não apenas o impresso, o palpável e disponível nas livrarias, bibliotecas, jornaleiros entre outros.

Considera-se leitura tudo aquilo que lemos e que precisamos interpretar prestar atenção para compreender. Enfatizando que a informação, o conhecimento e o prazer são motivos básicos para a valorização desta.

Partindo da premissa baseada obra de Paulo Freire e Donaldo Macedo onde teorizam que a leitura de mundo antecede a escrita e leitura da palavra e que este ato, o da leitura das palavras “implica necessariamente uma contínua releitura de mundo” conclui-se leitura o manusear livros de todos os gêneros literários (ação, suspense, o próprio livro didático), fotografias, figuras diversas, desenhos, obras de arte, o ouvir diversas músicas, assistir televisão, freqüentar cinemas e espetáculos teatrais, a própria internet e todas as outras mídias que levem o nosso aluno analisar e pensar tal prática, mesmo que para alguns “O prazer que o contato físico com o livro proporciona, é insubstituível.” (Mindlin)

## **1.2 A influência da mídia na formação de leitores**

Robert Cottrens, em seu livro “A classe em ação” afirma que é errado julgar a televisão e o rádio como instrumentos indispensáveis aos meios de ensino utilizados em sala de aula.

Porém, é inegável o grau de importância atingido por esses e demais meios de comunicação na formação de nossos alunos.

Refletir até que ponto esta interferência é se faz presente e benéfica se apresenta como uma das tarefas atuais dos professores em diversos níveis, e também é um dos temas em pauta em diversos debates com comunicadores e o corpo docente.

Para Marx, combater a alienação era a função social da educação, seria necessário aprender competências indispensáveis para a compreensão desse mundo físico e social.

Em um tempo onde as tarefas do professor era conhecer o programa de ensino, o plano de estudos e manuais escolares, a adaptação ao cotidiano do aluno, a influência da mídia, de um modo mais amplo, constitui-se tarefa permanente em nossas práticas pedagógicas, se pretendemos realmente compreender mais sobre este novo tempo, sobre a cultura que vivemos e os modos de vida produzidos.

É constituído por alguns que o dever da educação é desenvolver nos alunos atitudes, hábitos e qualidades de caráter.

Smolka nos diz sobre as marcas da indústria cultural incorporada na escola, ao mesmo tempo em que esta reluta em atualizar suas condições e procedimentos de ensino, ou por falta de recursos, ou por falta de verbas, percebe-se também que a leitura e a escrita ganham e se realizam em outras formas e usos no contexto desta indústria cultural.

Relata que entre os recursos utilizados em sala de aula e bem característico da indústria formada, as histórias em quadrinhos são empregadas como provocador do trabalho de leitura e escrita.

Entretanto, Regina Zilberman fala sobre a preocupação com a formação da infância e seu futuro com a chamada crise da leitura, com a concorrência

com a televisão e as histórias em quadrinhos e levantando a questão sobre o que é melhor para o leitor.

Fato que as crianças consomem imagens muito antes de serem apresentadas as letras é, portanto provável que por esse canal se dê a iniciação narrativa de muitas delas.

É sempre preciso dialogar com o texto e suas vozes.

Um tipo de texto e voz é a televisão. A TV se transformou num eletrodoméstico do qual não dispensamos quase uma necessidade básica

Atualmente, a linguagem da mídia televisiva é uma das responsáveis pelas principais informações que adentram nossos lares diariamente. E acompanhadas por tantos milhões de pessoas como verdades absolutas.

A televisão chama a atenção, tendo a imagem como principal chamariz, em um mesmo noticiário em curtos espaços de tempo, nos é comunicado sobre diversos assuntos, desde assaltos, altas de preços, denúncias, guerras, futebol, de forma tão rápida que não nos permite pensar muito no que estamos vendo. São tantas informações assimiladas que acabam em nada, em vazio, poucos minutos depois.

Segundo Rosa Maria Bueno Fischer a televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significados.

Está então, parece ser a característica do homem atual, a tendência a homogeneização, ao previsível. A TV faz parte da rotina e contribui direto na formação desses indivíduos e manutenção de comportamentos, relacionados a modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo. Sentar-se na sua frente, contemplar o que lhe é transmitido em cores sedutoras, conservando esse hábito diariamente, ano após ano.

Quando observamos este fenômeno que é a televisão, começamos a reparar e discutir sobre este produto que chega a intimidade de milhares de lares, que nos envolve de valores.

É preciso pensar nas amplas possibilidades da experimentação em sala de aula, das formas que poderíamos usufruir na escola esse instrumento, não apenas como um recurso audiovisual, mas como tema de reflexão e introduzir práticas de apropriação destes textos multimidiáticos por todos.

Sair definitivamente do filme para preencher o tempo e/ou aula pronta e passar para o campo da discussão em qual papel a televisão e toda sua programação tem se dado. Se for o papel da ditadura de informações, se tem servido realmente para a base da reprodução capitalista apenas, ou se tem ajudado relevantemente no aprendizado de nossos alunos. Enfim, pensar a importância social desse eletrodoméstico.

*A concepção no livro desperta um tipo de imaginação e criatividade mais complexo e duradouro do que a imagem fugaz da televisão.*

Mindlin

Os efeitos da revolução digital também fazem parte desta conversa. Na internet a facilidade de acessar conteúdos mundiais no conforto do lar pode se tornar uma vilã da escrita e qualidade de leitura e interpretação dos nossos alunos devido à sensação de liberdade e rapidez que se é gerado. É aparentemente um mundo onde podemos tudo em um clicar. Esta mudança na produção e reprodução de textos influencia o hábito de ler.

Exatamente a fragmentação dos conteúdos na internet e a facilidade de encontrar as mais diversas informações sobre tudo que afeta negativamente a formação de novos leitores. Esse pular de uma informação para outra, de um site para outro, tecendo uma colcha de informações por vezes desconectadas, o tradicional copie e cole tanto visto nos trabalhos escolares.

Isto significa que nossos alunos até perceberam as vantagens da internet em seus estudos, mas por vezes utilizam sem critérios, como no caso de fazer uma pesquisa sem ler o que está pesquisando.

“Além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular os textos de forma intensa, aberta e universal. (sic)”. Essas palavras são do historiador Roger Chartier, especialista em história da leitura que afirma que a internet pode ser transformar em aliada dos textos por permitir sua divulgação em grande escala.

Roger anda cita uma pesquisa realizada em diversos países que mostram que o uso do computador e suas tecnologias acopladas na educação,

acompanhados de métodos pedagógicos, melhora evidentemente o aprendizado, acelera a alfabetização e permite o domínio de regras da língua.

Na seção “Em dia: Notícias sobre Educação” foi publicada dois artigos falando sobre essa influência tecnológica no desempenho escolar.

A primeira fala sobre uma pesquisa Playground Digital, patrocinada por uma TV por assinatura, revelando que as crianças brasileiras são as mais conectadas do mundo na internet e em utilização de telefones móveis e em segundo lugar na divulgação de conteúdo próprio pela web.

É necessário orientar nossos alunos para o uso da internet, ou qualquer outro meio de comunicação.

A outra pesquisa citada se refere ao desempenho das escolas que não possuem acesso a internet. O MEC fez um levantamento no ano de 2007 que indicou que as escolas que usam computadores sem conexão não ganham em desempenho escolar e sim chegaram a ter as piores notas médias em provas oficiais. As notas que alunos brasileiros obtiveram no Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) foram tomadas para este estudo que concluiu que o acesso à rede mundial melhora o resultado dos estudantes.

Acreditando nisso, a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro divulgou em parceria com uma empresa especializada, jogos educacionais em disciplinas como português, história, entre outras, em todas as unidades da rede visando aumentar o interesse dos alunos em estudar.

Em matéria publicada no encarte “INFO EXTRA” a Secretaria ainda anuncia as Olimpíadas de Jogos digitais e educação (OJE), projeto pensado em estimular o aprendizado dos alunos da rede utilizando esta ferramenta tão popular.

Nesse contexto, onde se dá o espaço para o diálogo, para leitura? É preciso tirar proveito de todas novas possibilidades do mundo eletrônico e das diversas mídias e ao mesmo tempo entender esta lógica, que outro modo de pensar a leitura traz a esse novo leitor em formação e colocá-la em prática, aliar em sala de aula.

## 2. A VIAGEM

Parodiando a célebre frase do cultuado poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare vinda da peça “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”: “*Ser ou não ser, eis a questão*” se transformou em “Gostar ou não gostar: eis a questão.”

A peça, passada na Dinamarca, que reconta a história de como o Príncipe Hamlet tenta vingar a morte de seu pai é conhecida mundialmente como um clássico da literatura, assim como Shakespeare, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo.

E essa presente pesquisa, resume-se a apresentar uma conversa sobre o mito da leitura nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.

Para tal, conceitua-se como primeiros ciclos do Ensino Fundamental, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais organizados em ciclos de dois anos, o primeiro ciclo se referindo às primeiras e segundas séries; o segundo ciclo, à terceira e à quarta séries; e assim subseqüentemente para as outras quatro séries.

Diversos autores falam sobre a necessidade de preparar nossos alunos para a vida, e de como a leitura é uma das competências primordiais para tal e como a literatura é um instrumento eficaz para que as pessoas consigam proceder de maneira crítica e consciente de seus deveres e direitos.

Essa formação está inteiramente ligada à construção da cidadania, a inclusão e participação dos sujeitos por meio da leitura e escrita no tecido social.

Observa-se também mediante as dificuldades dos alunos a leitura, por vezes colocando a escola como principal canal de informações e ré deste processo, por outras o déficit da família na formação de seus filhos.

Os alunos sempre no meio desse impasse de erros, históricos ou não, podados pelo sistema. Mal vistos por não conseguirem interpretar um texto e leituras “sérias”, “formais”, e com grande impulso a assuntos não pertinentes ao que necessariamente precisam dominar.

Nessa esfera, é relevante ter outra visão sobre os interesses de nossos alunos e não apenas delimitá-los e qualificá-los. Afinal, será mesmo que um

aluno que passa aproximadamente 12 anos na escola, não consegue refletir o que lê? Não sabe escrever mesmo?

O que existe é uma real dificuldade de integrar o conhecimento dentro da prática docente. O conhecimento do aluno, a boa vontade do professor. Tudo isso pode ser viabilizado através de atividades inovadoras, que quebram essa visão estabelecida de senso comum, cujo qual fataliza ao estudante o título do não gosto pela leitura, desprezando o que estes têm a dizer.

O experimentar diferentes dimensões do ato de ler, começando por textos mais simples, compartilhando esse prazer, pois o professor também precisa gostar do que está fazendo, e buscando maior cumplicidade de seus alunos a este mundo das letras e significados e compreendendo a leitura como entretenimento e também ferramenta para aprender novos conteúdos, para obter informações.

O mundo contemporâneo está altamente conectado, novidades, notícias o atravessam em questões de minutos na tela do computador, nas ondas sonoras do rádio ou nas imagens multicoloridas da televisão.

Esta tecnologia é renovada a cada instante, e é preciso sempre a atualização de todos para acompanhar essa realidade e novas situações propícias dessa nova realidade.

O professor precisa indagar e estimular os alunos ao questionamento desses fatos, a práxis reflexiva. E aproveitar desses conhecimentos prévios para aperfeiçoar sua prática docente e rendimentos dos estudantes.

É claro que ninguém gosta de fazer nada obrigado. Ler está obviamente ligado a essa regra.

Na pesquisa apresentada no próximo capítulo, ficará perceptível em diversos relatos que diversas formas de leituras foram citadas como comuns, mas o livro didático só foi lembrado por suas imposições na rotina escolar.

O livro didático é considerado um dos mais importantes meios de trabalho do professor, como fonte de informação e conhecimento, mas não é, e não deve ser o único instrumento a ser usado em sala de aula.

A consciência demonstrada da importância dessas leituras também foi resposta corrente. O ler para saber, para aprender, para fazer a prova. Como se a leitura fosse apenas para essas funções.



### 3. SOBRE A PESQUISA

A experiência de pensar neste tipo de pesquisa me pareceu interessante e pertinente, pois a tradição de sempre se procurar o culpado do descaso em relação à qualidade de leitura é muito comum em nosso cotidiano escolar. Agora, o aprofundar a questão e pesquisar se realmente existe mesmo tamanho desgosto e ojeriza à leitura não é tão comum assim. Repensar como se age em classe também é despercebido no meio de tantos livros, cadernos para corrigir, planos e calendários a se fazer e cumprir.

Através da observação que efetivamente evidenciamos como a leitura é realmente importante e trabalhada em sala de aula.

Este trabalho esforça-se em trazer reflexões sobre as variáveis que explicam o sentido. A proposta então é confirmar, ou não, a idéia de que realmente a leitura perdeu o espaço no cotidiano dos nossos alunos e os motivos para o acontecido, se for o caso.

Utilizei para tal dois momentos importantes para a realização da pesquisa em questão: Um primeiro momento de inserção no projeto Escola Aberta, em uma oficina de leitura e produção textual realizada na Escola Municipal Armando Leão e a realização de entrevistas e preenchimento de questionários no Externato São Carlos, uma instituição particular de ensino, todos sediados no Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro.

Em inserção nessas instituições para observação de como a prática é refletida, observei diferentes cenários, no qual ficaram claras a necessidade que o estímulo, seja ele da onde for, faz falta na vida escolar de uma criança, sobretudo, também observei a baixa estima desses alunos, que impedem de avançar, de encarar o desafio que a leitura se colocou em suas vidas.

Alunos de várias idades, de vários anos do Ensino Fundamental, que encontraram o responder um simples “não sei” o caminho mais fácil para se livrar da vergonha que ler em voz alta, ou responder a uma pergunta pode ser transformar.

A falta de incentivo, não só por meio da escola em si, normalmente vista com a única responsável e culpada desse estado, mas também de toda a estrutura social de nossos alunos pode ser fatal para o desempenho escolar, é

preciso reavaliar nossas opiniões a esse respeito, pois o estímulo ao desenvolvimento é um processo contínuo, e deve ser visto assim, desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental e no decorrer de toda a vida acadêmica, objetivando o crescimento, socialização, oportunidades.

### **3.1 Primeiro momento**

As observações de como o gosto pela leitura interferem no bom aprendizado se deu em um primeiro momento na Escola Municipal Armando Leão, localizado no bairro Maria Rita, no Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro.

A escola faz parte do Projeto Escola Aberta, onde o Estado tenta, aproximando a comunidade da escola com intervenções governamentais usando seu espaço disponível, junto com parceria, responder uma demanda social por lazer e cultura, como forma de contenção e prevenção da violência escolar e urbana. (Leão, 2005)

Com diversas atividades lúdicas e esportivas, o programa é resultado da parceria entre o Ministério da Educação e secretarias estaduais e municipais de educação, ocorre nos fins de semana, sempre com o cuidado de não impor obrigações escolares nesse espaço de lazer.

Minha participação no projeto foi coordenando uma oficina aos sábados à tarde, que na teoria seria de leitura, onde apresentaria algumas de suas múltiplas faces e chamaria os alunos atenção de como a leitura é essencial e importante em nossas vidas.

A escola visitada era um posto de saúde, que foi reaproveitada pela prefeitura e se “transformou” numa instituição de ensino. Mesmo de forma humilde, os profissionais que ali trabalham também são adeptos de um projeto de leitura, que engloba todas as turmas que ali existem. O Projeto “Mergulho no Saber”. Percebemos já na entrada cartazes, textos, murais espalhados pelas paredes anunciando o tema daquele mês.

Eu ajudaria auxiliando alunos com certa dificuldade nesse sentido. Os estudantes foram pré selecionados pela direção da escola, de acordo com a faixa etária, série que estuda ali regularmente e dificuldades de leitura. Seriam vinte (20) crianças envolvendo os dois turnos, manhã e tarde, do 2º ano (1ª série) do ensino fundamental, contabilizando dez (10) alunos de cada uma dessas duas turmas.

A proposta então seria proporcioná-los uma maior intimidade com a leitura, tanto dos livros didáticos quanto de outros tipos de textos, como jornais, revistas em quadrinhos, para estimular melhor interpretação e o hábito de ler.

Na prática, a oficina em si não despertou interesse dos pais, apesar das inúmeras conversas e incentivos na propaganda desta, visto que as crianças, com idade base de sete e oito anos, não iriam sozinhos para a escola, os familiares, ou por não concordar com o dia e horário (sábados à tarde), ou por qualquer outro motivo desconhecido, não os levavam para a oficina.

Contudo, a proposta foi repensada pelos coordenadores e direção do colégio, e a oficina se tornou então para reforço escolar na área da disciplina de português, com ênfase na produção de textos e leitura dos mesmos e de outros diversos. Foi aberta a inscrição para os demais alunos dos primeiros ciclos do Ensino Fundamental.

Em alguns momentos, numa mesma aula, havia crianças com diferentes níveis de idades, interesses, aprendizagens e dificuldades. Alunos de 1º ano (alfabetização) 2º, 3º e até 4º anos do Ensino Fundamental, enfim, um misto de estruturas de ensino.

Várias estratégias foram utilizadas ao mesmo tempo, com atividades simples como exibição de filmes, audição de canções, debates sobre reportagens de jornais, meio de comunicação este que alguns nunca tiveram acesso, escolhidas pelos próprios, elaboração de textos livres ou a partir de um tema estabelecido por conta de um texto lido anteriormente, ou do interesse de cada um, sempre pensando de forma para ajudar os alunos a interpretar sozinhos os textos e os criá-los também.

Reparei então que, claro, as dificuldades eram inúmeras e distintas, mas todos ali tinham em comum o receio, a vergonha de tentar escrever e ler seus textos. As falas eram sempre as mesmas, que não gostavam de ler, que não queriam e que não sabiam. Era nítida a dificuldade e a tentativa de solução encontrada pelos mais alunos velhos para evitar serem confrontadas a ler, as crianças mais novas apenas recusavam e abaixavam a cabeça demonstrando o que sentiam a respeito dessa intimidade com a leitura.

A problemática de todos os alunos que passaram pela oficina em seus três meses de duração era o fato de até se interessarem pelo que ali estava sendo exposto e discutido, posto que sempre busquei levar temas sobre o que

percebi que eram de seus interesses, como futebol, músicas, as novelas que passavam naquele período de tempo. Quando os livros didáticos entravam na aula, eles apresentavam uma atitude até interessante, demonstraram o gostar do livro em si, o apego por aquele objeto, mas não pelo que ali consiste, os conteúdos.

O livro como objeto era admirado, querido, disputado nas atividades em que pedi a cada um que escolhesse um para si durante aquele período. A escolha de todos foi baseada no formato, nas cores e nunca no tema dele, ou nos tipos de informações que poderiam ali conter.

Apesar de a oficina ter uma disciplina só como alvo, acredito em como a interdisciplinaridade deve ser trabalhada em sala de aula formando a aproximação e entendimento de todas essas disciplinas como um todo, afinal o conhecimento não é assimilada em blocos temáticos.

Seguindo essa linha, trabalhei manuseando textos ligados a outras disciplinas, como geografia, história, por isso a mistura de livros didáticos nas atividades, mas a dificuldade com as palavras os impedia a leitura de modo que não conseguiam ou demoravam a identificar a frase como o todo, alguns ainda estavam na fase da soletração, outros não conseguiam ver sentido nessas frases, não entendiam mesmo o que queria ser dito ali, e isso os desestimulava, em suas próprias falas e atitudes esse fato ficava óbvio.

Formar leitores é uma tarefa continuada, visto os problemas enfrentados a frequência era fundamental para o desenvolvimento da capacidade de ler e interpretar os textos. Isso infelizmente também não ocorreu nessa segunda etapa da realização da oficina, os alunos iam esporadicamente não possibilitando esse trabalho contínuo, levando então ao encerramento da oficina de modo precoce.

A oficina de leitura, produção textual e reforço escolar ao todo então teve três meses de duração, ocorreu sempre aos sábados no horário da tarde, tinha por média de alunos por aula cerca de cinco ou seis, chegando há dias a classe com quinze alunos, todos estudantes regulares da Escola Municipal Armando Leão e moradores da comunidade onde a escola é inserida.

A reflexão ao final desse período onde estive nessa escola não é simplesmente dizer que os alunos que por mim ali passaram não gostam de ler, ou são desinteressados, e sim explicitar que apesar de todos os esforços

feitos pela escola, com projetos sociais e educacionais realizados ao longo do ano, é pouco ainda visto a dificuldade e carência dos alunos. É preciso efetivamente uma quebra nessa rotina de contentamento observado já nas crianças, e mais evidentes nos pais que pude conversar, onde apenas o aprender a escrever o nome, ou ler o suficiente para não ser enganado já é o bastante para se viver. Uma mudança de pensamentos a respeito do futuro, e como através da Educação como um todo, suas realidades podem mudar, podem melhorar. É difícil, mas é possível.

E ao pensar em todas aquelas crianças, que aos poucos, apesar de todas as dificuldades do percurso, já indicavam bons resultados serem incentivados fica latente nos pensamentos de todos os envolvidos nessa atividade a torcida para que todos - sigam o caminho ali timidamente traçado e obtenham sucesso em seus trajetos.

### 3.2 Ouvindo e aprendendo

*É muito melhor ler do que estudar. Ziraldo*

O processo de leitura é visto como a identificação dos símbolos impressos (letras e palavras) e o relacionamento destes com os seus respectivos sons, onde a criança passa a diferenciar e assimilar aquilo que está escrito com o seu respectivo som, juntá-los e formar então a palavra.

Bem, ao menos foi isso que observei em inserção nas classes de 5º ano no período da manhã e tarde no Externato São Carlos, escola particular localizada no bairro Itaúna, também no Município de São Gonçalo. Esse era o pensamento que pairava nos alunos das duas turmas visitadas.

Para expor e propor o questionário às turmas, realizei debates e conversas informais ao longo do segundo semestre do ano de 2009. Pela minha convivência com as crianças, visto que trabalho nessa escola, os alunos tiveram liberdade e se sentiram confortáveis para responder o que quiseram e se quiseram, sem o perigo de punição pelo que dizia.

A princípio, para a maioria dos 40 alunos que aceitaram serem entrevistados, com idade média de 10 e 11 anos, ler significava apenas esse decodificar o que está escrito, dissassociado com a reflexão em si. Ler também era o que estava no papel, nos livros didáticos, como se os gibis que costumavam ler, os livros de histórias não fossem leituras também, como se tivessem outro nome de conceito. Ficaram extremamente surpresos quando disse que leitura é tudo, desde o desenho animado que gostam de ver na televisão, o filme que viram no final de semana com os pais, a música que toca em seus rádios, até aquelas cartinhas do jogo de tabuleiro que brincam na hora do recreio. E em todas essas situações aprendemos algo, que estamos sempre em processo de aprendizagem.

A realidade desses alunos é contrária a dos alunos da primeira escola observada. Alguns assuntos como futebol e televisão são corriqueiros, mas nesta instituição, as crianças tem acesso a diferentes mídias em seus cotidianos, estão acostumadas a diversos tipos de informações, seja pela

televisão em si, pelo computador, diferentes livros e revistas em quadrinhos, até mesmo jornal.

Eles consomem essas informações, utilizam e manuseiam sem nunca terem reparado que pra isso tudo um ato era necessário e importante: o ato de ler.

A leitura apenas era aquela “da escola”, a obrigação de estudar, o livro didático que usavam, o treinar para a prova, esse sim era o ato de ler. Segundo o relatado pelos alunos, nunca tiveram qualquer informação de qualquer relação do texto prescrito ali em classe com um anteriormente lido.

Para o Professor Tadeu de Sousa Gontijo, “é preciso lembrar que a educação do ser humano envolve sempre dois fatores: formação e informação.” As respostas contidas nos questionários entregues mostram em si a importância de se tratarem problemas, dificuldades, dúvidas, antes mesmo de traçar orientações, indicações, normas.

Os valores transmitidos, os textos a serem trabalhados devem estar ligados também ao cotidiano do aluno, e mais, devem ser conversados em sala de aula, nada é óbvio, e os alunos colocaram essas argumentações de maneira bem clara nessa primeira fase da pesquisa nesta escola.

No decorrer do ano letivo em que a pesquisa foi realizada, os alunos estavam participando pela primeira vez de um projeto de leitura, onde eles tinham o seu livro “extraclasse” e a professora no início de todas as aulas lia um trecho com eles, e esclarecia dúvidas que poderiam ter. No fim do projeto existia a possibilidade de apresentação, ou por meio de peças teatrais, encenação de alguma música que julgassem ter relação com o lido, poesias, e ainda a construção de um livro, escrito por eles, baseado na obra do autor ou no próprio livro que outrora leram.

Isso tudo ainda era novidade, e a maioria não tinha associado a importância desse movimento para a formação e aprimoramento da linguagem e expressão tanto individual quanto coletivo.

Em virtude disso, foi feita a consulta sobre as questões objetos desta pesquisa, por meio de questionário, constituído por 5 itens argumentativos. A coleta de informações ocorreu no final do ano letivo e a aplicação do instrumento se deu de forma individual e anônima, não exigindo qualquer tipo de identificação, nominal ou não.



Cinco perguntas foram elaboradas de acordo com a dinâmica e perfil das turmas, e pensadas de forma que proporcionassem uma fácil interpretação para todos:

- 1) Você gosta de ler?
- 2) O que você gosta, ou gostaria de ler?
- 3) O que você acha do que lê na escola?
- 4) Se não gosta de ler, o que acha que aconteceu?
- 5) O que você faria para melhorar?

Um dos mitos da leitura é que as crianças simplesmente não gostam de ler. Quando instigados a declararem seus gostos, constatei que 80% gostam sim de ler, ou porque é “legal”, “faz bem”, é divertido. Desses, 8 tiveram respostas parcidas, onde enfatizam o fato de que a leitura proporciona um tipo de fonte de conhecimento, onde a pessoa aprende palavras novas e histórias. Transcrevendo as palavras de um aluno: “Sim. Porque me ajuda a conhecer palavras. É como um filme, mais cada um imagina os personagens de um jeito.”

Outra resposta que chamou atenção foi: “Sim, mas eu tenho muita vergonha de ler em público.” Essa vergonha pode ser interpretada de várias formas. Ou como modo de fuga pelo receio de gaguejar em alguma palavra desconhecida, ou por naquele momento, se tornar o centro das atenções da turma. De qualquer forma, lembrando as palavras de Pennac, o direito de ler em voz alta, ou no silêncio, é critério de cada um, quebrando mais um mito de que o ambiente necessariamente precisa ser silencioso para a leitura se fazer compreendida.

Há também o direito de não gostar de ler, ou de gostar “mais ou menos”. Sete dos alunos entrevistados não gostam de ler, e foram unânimes ao explicarem o desgosto por considerar ler chato. Somam três aqueles que responderam o gostar de ler as vezes, especialmente quando esse de vez em quando não se refere aquelas leituras impostas a eles.

A segunda questão se refere ao que os alunos gostam de ler. “Nada” foi a resposta dada por cinco dos sete que não gostam de ler. Dentre as respostas dos demais em momento algum se refere ao livro didático. Livros do romance,

aventuras, terror de preferencia que incluam muitos vampiro, lobisomens, fadas e magos, do gênero policial e poesias foram citados. “Um bom livro” também foi mencionado. Jornais e revistas sobre esportes e televisão, gibis, muitos gibis e filmes da moda e “Ler qualquer coisa na net”, mostrando o quanto essas mídias são importantes atualmente.

Foram citados vários nomes de livros que estão na moda entre adolescentes e crianças da faixa etária deles confirmando uma tendência pouco valorizada em sala de aula, os dos filmes baseados em livros, que não ganham apenas as telas mundias, mas também espaço na curiosidades dessas pessoas, colaborando sim na formação de leitores, proporcionando intimidade com o ato, com o manusear literatura.

O que você acha do que lê na escola? “Não é legal, nem chato”. Contraditório não? Os alunos responderam que o livro didático é muito interessante, por causa dos exercícios e dos textos eles tem a oportunidade de aprender, de estudar para fazer prova, afirmando mais uma vez essa cultura empregnada de ler com esse tipo de obrigação. A leitura então nesse sentido só serve para ensinar o conteúdo pedagógico. Para 15 alunos, essa leitura feita na escola não é vista com agrado, menos o livro “extra-classe” que normalmente se trata de algum assunto relacionado a fase da vida que se encontram.

Todos sabem da importância do livro didático mas questionam a maneira de como é introduzido em suas vidas, e como essa rotina é imposta a eles.

Na pergunta número quatro, aqueles que declararam não gostar de ler teriam a oportunidade de explicar um motivo, ou apontar algo que justifique essa escolha. A questão foi explicada diversas vezes e dela surgiram as mais variadas respostas. Dos que declararam que não gostam de ler, seis relataram que nada aconteceu para que chegassem a essa conclusão, só nasceram assim, sem esse gosto. Respostas como “ Eu gosto de ler porque faz bem mentalmente” , “Seria difícil para ler e escrever sem a prática da leitura”, “Eu gosto de ler, pois se eu não aprendo agora no meu futuro serei prejudicada” relata a maturidade com que encaram os estudos e a preocupação com o futuro, já ligando o fato que um interfere no andamento do outro.

70% dos alunos entrevistados nessa questão responderam que gostam de ler, que acham importante porque aprende-se muitas palavras, e o não gostar leva imediatamente ao fato de não conhecer os livros de histórias.

A última questão surgiu como um espaço para sugestão, para falarem o que acham importantes em busca da melhoria, como um todo. 15 alunos escreveram que estudar e ler mais ajudaria bastante : “Me esforçar mais, estudar mais, deixar de brincar para estudar, prestar atenção nas aulas.”

Incentivar as pessoas a ler, começando com a família, tirar boas notas, melhorar a escrita, ou apenas muitas coisas foram algumas das sugestões.

Mas uma vez comprovando a força que a tecnologia vem demonstrando não apenas em nossas casas, mas como devemos incorporá-la em nossa rotina escolar, 11 alunos escreveram que algo que poderia ajudar bastante é a inserção de *notebooks* e/ou outros componentes eletrônicos nas salas de aulas, as vezes até trocando os livros didáticos, por esse tipo de equipamento como é visto nas palavras de um aluno aqui transcrito: “Colocaria um *notebook* em cada carteira com internet para fazer os deveres e no tempo que sobrar navegar no *orkut* e no *msn*<sup>2</sup>.”

Completando essa questão, uma resposta que representa muito bem a todos os alunos que reponderam o questionário: “Deixaria tudo para lá e teria todo o tempo do mundo para ler os livros da saga Crepúsculo<sup>3</sup> na escola e em casa.”

---

<sup>2</sup> Nome de um endereço eletrônico popularmente conhecido por ser uma rede social de amizades e um programa de conversas instantâneas *on line*.

<sup>3</sup> Livro fenômeno sobre vampiros da autoria de Stephenie Meyer. Publicado originalmente em capa dura, em 2005, este livro é o primeiro da saga *Twilight*.

#### 4. DESEMBARCANDO

*A leitura é uma viagem de quem não pode pegar um trem. Francis de Croisset*

Certo dia, em uma determinada viagem que fiz, observei no muro de uma escola pública a frase acima citada. Achei deveras interessante e oportuna, pois este trabalho monográfico ocupava deliberadamente meus pensamentos e objetivos a conquistar.

Mas que imediatamente, abri um pequeno caderno, que tinha virado companheiro nato nessas horas de inspiração, me armei com uma caneta e ali saiu meu primeiro capítulo.

E cenas assim foram repetidas várias vezes, em ônibus, nas madrugadas vendo televisão, no intervalo das aulas.

Escrever sobre o mito da leitura em um primeiro momento foi uma tarefa desafiadora. Afinal a leitura e tudo o que se diz respeito é realmente uma viagem, de trem, ônibus, avião, pensamento, é muito próprio e totalmente amplo. Cada pessoa tem seu conceito, suas preferências ou não preferências, algumas ignoram isso, mas na realidade é imprescindível em nossas vidas.

Deparei-me com diversas literaturas que seguiam as mesmas lógicas, falavam as mesmas coisas. Vários autores escreveram sobre a necessidade e importância da leitura e dificuldades encontradas para despertar a vontade de ler nas crianças. Ao mesmo tempo em que observava que os alunos que convivi de certa forma expressavam outros sentidos para a leitura, para o gosto da mesma.

Passei a ouvir mais o que eles tinham a me dizer, conversar informalmente com pessoas com idades e vivências diferentes, sobre qual significado a leitura fazia para cada um.

Percebi que o importante para todos, autores, leitores assíduos, leitores iniciantes, esporádicos e demais categorias, é conseguir entender o que se deseja ler, não decorar o que está escrito.

E o que se percebia como mito, hoje é a pauta a ser debatida, pois se deve explorar o conhecimento do aluno, invés de podá-lo. Conceber a aprendizagem como processo interativo, que se dá entre o aluno e o mundo que cerca sem a obrigatoriedade que por vezes vem à tona.

Existe a consciência da formação de alunos reflexivos, indivíduos conscientes, ao contrário de entulhar conteúdos e sobrecarregar de informações que talvez não façam sentido, apesar de professores sempre esbarrarem com um calendário apertado e cadernos e livros didáticos a serem fechados e corrigidos.

O desafio de grande parte dos professores e escola hoje reside na questão de como trabalhar com essas habilidades, afinal a leitura, especialmente entre os jovens, não é mais um hobby, para muitos, jogar seu Playstation ou o Xbox 360<sup>4</sup> é mais divertido. Nossos alunos dispõem de diversos estímulos, que podem aproximá-los ou distanciá-los depende da forma que estes se apresentem e são apregoados em suas rotinas.

Ao mesmo tempo em que esforços para incentivar o hábito de ler são divulgados por escolas e projetos de prefeituras, como a Casa Digital de Maricá (RJ) e Secretaria e a Fundação Municipal de Educação de Niterói (RJ) com o projeto 'Leitura em Foco', ambos estruturados em alfabetização, letramento, formação de leitores e a promoção de interação entre pessoas, somos apresentadas a notícias sobre como cerca de 400 obras literárias, incluindo autores renomados como Federico García Lorca, Machado de Assis e Guimarães Rosa, amontoadas em sacos de lixo e jogadas na calçada, próximos a um bueiro encontrado por moradores na porta de uma escola pública na Vila Zelina, região da Vila Prudente, na Zona Leste de São Paulo ou através de uma ligação anônima, a polícia descobriu 12 mil livros, que deveriam ser usados por estudantes, jogados no lixão de Iporá, a 200 quilômetros de Goiânia.

Parece motivo de piada ouvir que foi salvo do lixo O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, entre outros clássicos.

---

<sup>4</sup> Playstation é um console de vídeo game fabricado pela empresa Sony. Xbox 360 é o sucessor do console de jogos da Microsoft.

Obra que deveriam estar sendo usadas pela comunidade. Falta hoje na rede de ensino uma educação formativa de educadores - não só de professores, mas para todos os funcionários da escola - sobre a importância da leitura que deveria ser estendida as famílias também, mesmo essas por vezes não terem acesso a leitura.

Na Revista O Globo, a colunista Martha Medeiros revela sua preocupação do que possa acontecer caso não se mantenha o já parco vínculo familiar com a literatura. Aponta que de geração em geração diminui-se o acesso ao conhecimento histórico, artístico e filosófico e relata uma possível extinção de uma elite intelectual.

Nessa sociedade onde o professor é tanto desvalorizado, e nisso não quero entrar apenas no âmbito salarial, mas no respeito de sua profissão, como qualificação e ambiente de trabalho digno, existe o bombardeio de informações que dão a impressão de saber tudo, de poder tudo, quando na verdade nada é aprofundado, nada é de fato pesquisado.

A continuidade desse processo de alienação informativa deve ser não apenas contestada, mas de fato interrompida. A elite intelectual sempre haverá. Mas o que devemos buscar é a ampliação desta para uma maioria intelectual, para uma sociedade responsável.

Educar é um processo que não termina e jamais se basta. Diante das rápidas alterações que ocorrem nessa sociedade globalizada, mais do que nunca é preciso educar para a autonomia.

A formação de leitores então, não se deve restringir a decodificar letras, decifrar textos e reproduzi-los.

Além de estimular o pensamento crítico, é preciso também oferecer subsídios para a ligação dos conteúdos com as realidades vividas por eles.

Quando falava que “Um País se faz com homens e livros” Monteiro Lobato não poderia imaginar que décadas depois, sua frase seria reescrita com o humor gaiato dos nossos dias atuais: Um país se faz com homens, Kindles e iPads.

Enquanto a educação está na era livros feito por papéis, nossos alunos ultrapassaram os notebooks, a própria televisão, outrora vista como necessidade básica, e até os livros para ouvir, conhecidos como audiobooks, e

se aproximam de leitores de livros eletrônicos, conectados a internet, leves, que se podem levar onde bem quiserem.

Previsões falam sobre o término de livros e jornais do jeito que conhecemos, daqui a anos, décadas. Discutem sobre o significado da leitura em si, se é o livro, se é a história.

Outros dizem que o prazer que o contato físico com o livro é insubstituível.

Um computador conectado à Internet permite o acesso a todo o conhecimento da humanidade. Entretanto há é uma desvantagem sobre este conveniência. Ela priva o ser humano ao pensamento e as habilidades necessárias a formação e processamento de informações. Um estudante de hoje só precisa acessar a internet fazer lição de casa a pesquisa. No entanto, a experiência de aprendizagem é derrotada uma vez que não é o aluno que pesquisas os dados necessários para as tarefas escolares, mas o navegador web, e por vezes não se dá ao trabalho de ler o que ali está escrito.

Se o que importa é o conteúdo, que diferença faz se as letras estão dispostas em um pergaminho, um pedaço de papel ou uma tela eletrônica?

É boa pergunta.

Fico com as palavras de Smolka (p.57): *“A linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e, por isso mesmo, transformadora.”*

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Florestas mágicas, túneis do tempo, fadas, bruxas, duendes, monstros, vampiros, lobisomens, seres mitológicos, todos retirados de obras literárias e transportados diretamente para a grande tela do cinema, e para a vida de milhares de crianças e adolescentes.

O que fazem e como se comportam atores e cantores, quais são os filmes do momento, o que diz aquela letra de música que toca no rádio e faz sucesso na internet, a escalação do time para um jogo qualquer.

Esses são os assuntos que segundo a pesquisa realizada norteiam a escolha dos nossos alunos na hora de ler.

Dentro desses temas, observam-se claramente os motivos que levam a todos a ler e a valorização da leitura: informação, conhecimento e prazer. Incentivados pela mídia e pela curiosidade natural do ser humano, os livros que se basearam dezenas dos novos filmes de sucesso, invadiram salas de aulas e os desejos de alguns.

Jornais esportivos e revistas destinadas ao público feminino adolescente também foram comentadas nos questionários e conversas no decorrer dessa pesquisa.

Eis que o debate se levanta: a leitura de clássicos, como “Senhora” de José de Alencar ou “O cortiço” de Aluísio de Azevedo é capaz de incentivar um aluno a ler, ou vai afastá-lo da leitura?

Apesar da preferência da ficção estrangeira, os alunos sabem que a literatura brasileira é importante, mas, para eles, a escola já é obrigatória, e tudo que entra nessa perspectiva, da obrigação, gera certo anseio por distância por assim dizer.

Observando as palavras de Smolka em que diz que esse confronto “pedagógico-epistemológico” traz essa discussão de que papéis, funções esses indivíduos, adultos ou crianças, assumem em relação ao ensino, dentro da escola.

Muito foi dito sobre a incompreensão da escola com indivíduos com dificuldade de interpretação, fala-se em culpa, em banir, nomeia-os de analfabetos funcionais e iletrados.



A incapacidade de um indivíduo seja de ler, interpretar, escrever, não é uma enfermidade ou sujeira a ser posta debaixo do tapete, é fruto de uma forma de interação, portanto a própria escola pode estar proporcionando interações que produzem esse resultado, ou apenas fazendo o mais fácil, nada.

Ainda apresenta-se nesse caso a família, que também não investe como deveria na vida escolar de seus membros, principalmente quanto se diz respeito à leitura.

Acreditamos, quando pequenos, que a leitura é capaz de nos conduzir a mundos desconhecidos, precisamos e queremos ler tudo, o desenho na televisão, o nome do pacote de biscoito, o que está escrito em nossas roupas, o que nossos pais estão escrevendo.

Essa vontade não morre, mas é suprimida em algumas das vezes. Por mais burocrático que as escolas transformam o ato de ler, as crianças ainda vêem a leitura como uma forma divertida e prazerosa de conhecer, descobrir.

O achar a leitura realizada nas escolas “chata” desperta a atenção para nossas práticas como professores, e pessoas.

O livro didático, companheiro de toda jornada escolar, é visto de modo ambíguo pelos alunos. Este que os acompanha pelo ano inteiro por uns é visto como fonte de saber, por outros, tortura. Taxado de necessário e vendido aos alunos pelos pais com esse significado, muitas vezes sua necessidade não fica clara. A empolgação inicial do livro novo, com capa diferente, cheiro diferente, novas figuras, logo acaba no primeiro momento que o professor sinaliza os exercícios que precisam ser feitos.

Por parte dos pais, o valor caro do investimento precisa ser compensado de alguma forma. Pela escola, que ainda não consegue desvincular a idéia do livro didático como ferramenta mais importante no ensino, por vezes única, o livro didático é fundamental.

Não pretendo com essa pesquisa desmerecer o livro didático em si, mas salientar que existem outros meios, outras ferramentas tão eficazes quanto esta. A supervalorização do livro didático é perigosa, pois vem com a imposição de diversos fatores anteriormente explicitados, freqüentemente ficando despercebida a voz de quem realmente precisa ser assistido no processo educacional, nossos alunos.

Com a obrigação de seu uso diário, a empolgação do novo livro dá lugar a rotina, rostos insatisfeitos e atitudes mecânicas, levando a desmotivação por completo dos alunos, de ler seus textos, por mais interessantes que possam ser, de interpretar enunciados das questões, conseqüentemente deixando esse hábito de ler e entender o que está se referindo, conduzindo a interpretação mecânica, ao achismo, e ao erro.

A escola não desestimula a leitura, apenas cria a tradição de mecanizá-la. É preciso ler o texto rápido, é preciso fazer logo os exercícios, é preciso corrigir para ver se está respondido certo, fazer a prova na data prescrita no calendário estipulado no início do ano letivo, seguir o planejamento anual. Assim, cria o hábito do ler por ler, o aluno não consegue interpretar o que leu, explicar, resumir. Perde o prazer no meio de prazos. Se só se reproduz, nada se experimenta.

Uma ferramenta, apenas um elemento de trabalho. Assim é a era do chamado “cuspe e giz”. Nossos alunos estão conectados ao que existe de mais moderno. Essa era ficou para trás. E a rotina também.

E se o professor além de cobrar, estimular e provocar os alunos de maneira crítica e lúdica?

Bem, o primeiro passo é tornar a leitura agradável, sem o interesse, não há curiosidade. Textos agradáveis, com que se identifiquem, para depois gradativamente ir aumentando o grau de complexidade.

Ao ampliar a visão de mundo da criança, colocando em contato com outras leituras a aprendizagem vai se consolidando. É preciso também que se desenvolvam atividades interativas, pois estas são significativas aos alunos.

Puder presenciar exemplos simples e interessantes nesses meses de pesquisa. Uma professora começa a ler um livro de Ziraldo para sua turma de 3º ano. Muitos ali já escutaram seus pais falar sobre um menino com uma panela na cabeça, alguns sabem seu nome, outros nunca ouviram falar.

Diariamente a professora lia um trecho do livro, antes começar sua aula. A curiosidade é tanta nos primeiros dias que os alunos terminaram de ler seus livros antes do prazo estipulado, pois queriam saber a história daquele menino sapeca que brincava, ia à escola, e tinha uma vida parecida com a deles.

Foi um trabalho que envolveu a televisão e o cinema, a história “O Menino Maluquinho”<sup>5</sup> já tinha ganhado as telas, desenhos animados, gibis e um filme, e esses alunos puderam conferir a cada versão, pois procuraram nas diversas mídias que tinham acesso. Por fim, cada aluno escreveu sua história, baseada na história de Ziraldo, com o mesmo título.

É claro, tinham acesso a várias formas de pesquisa como: internet, vídeos, cinema, bibliotecas, revistas.

No projeto de leitura que participei na Escola Municipal Armando Leão, alguns de meus alunos nunca tinham manuseado um jornal, objeto que parece comum a todos. Lá as atividades eram de apresentação a essas mídias e a aulas diferentes, onde poderiam falar e serem ouvidos.

Na primeira atividade, onde após reuni-los em círculos. Li uma parte da história de Miguel, que falava sobre a valorização das diferenças e os convidei para produzir uma história diferente: a deles mesmos. Com jornais, revistas, desenhando ou colando figuras, escrevendo, realizaram a atividades como quisessem.

O resultado foi histórias engraçadas de crianças “preguiçosas e que não gostavam de nada” só de brincar, mas no fim foram longe “pois eram muito espertos”. Cada trio apresentou suas histórias, os outros trios também interferiram nos diferentes finais.

No fim do encontro, entreguei uma ficha para completarem sobre o que mais gostaram e o que menos gostaram do dia. Todos gostaram de tudo, apenas uma respondeu que não gosta muito de escrever, mas gostou da oficina.

Bate-papo diário, leitura de jornais, a conversa sobre temas atuais, valorização da arte e trabalhos feitos pelos alunos, oficinas literárias, rodas de leitura, esses são exemplos que mesmo com atividades simples podemos tornar nossas aulas mais atraentes e despertar a atenção de nossos alunos para o que queremos transmitir.

Não há desafio tão natural quanto para o ser humano conhecer, desvendar, descobrir, exercitar a curiosidade e se desenvolver, sobretudo

---

<sup>5</sup> “O Menino Maluquinho” é um livro infanto-juvenil escrito por Ziraldo, no ano de 1990 e tema do projeto de leitura dessa turma no ano de 2009.

intelectualmente e essa deve ser a oportunidade a ser aproveitada pela escola, principalmente na figura do professor precisa aproveitar para estimular e contribuir a formação de leitores, e pela família, dando exemplos positivos aos seus filhos.

Com a mediação do professor e parentes, os alunos passarão a respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem.

Entre outras palavras, a leitura é essencial, é o que motiva a socialização necessária para a vida de todo indivíduo.

Por diversas vezes de forma burocrática, a escola inicia as crianças ao mundo letrado. Com o passar dos anos alguns se esquecem do quão agradável pode ser e se perdem em obrigаторiedades, rotinas do aprender. Outros, apesar disso, conservam ainda o gosto por ler, seja o que for.

O que há para se fazer é resgatar e consolidar essa expressão tão natural do ser humano que é à vontade, a curiosidade, o desejo do saber, e utilizá-las no cotidiano escolar e familiar, para que esse aluno obtenha uma formação de qualidade, em que possa desenvolver suas habilidades e cidadania, tendo pleno conhecimento de seus direitos e deveres como tal.

Um trabalho compartilhado entre a escola, sociedade como um todo, e do próprio indivíduo.

## 7. BIBLIOGRAFIA

BACHA, Magdala Lisboa, KEITHAHAN, Luella M. *As crianças aprendem a Ler*. Minas Gerais: PABAE, 1956. p. 3-31.

BARBOSA, Antonia Leite. Top 5. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 de mar. 2010. Revista Domingo, p.22.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 1999. p. 134-143.

COTRIM, Gilberto. *Educação para uma escola democrática: História e Filosofia da Educação*. São Paulo. Saraiva, 1991. P. 15-28.

DEPARTAMENTO DE CRIAÇÃO EDITORIAL E DIVISÃO DE OBRAS E REFERÊNCIA E EDUCAÇÃO DA KLICK EDITORA. *Dicionário Michaelis Trilíngue*. São Paulo. Editora Klick, 2001. p. 139.

DOTTRENS, Robert. *A classe em ação*. Portugal. Editora Estampa. 1974. p. 44-65.

ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. [S.l.]: Ed Record, 2003. p. 9-21.

FERRARI, Márcio. Grandes Pensadores: Karl Marx. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 2005, n. 188, p. 32-34, Dez. 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 45ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2003. p. 11-35.

\_\_\_\_\_ ; MACEDO, Donaldo: *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 29-107

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 20ª edição, editora Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* - São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 9-140

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (Organizadores). *Na Escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular.* Petrópolis: Vozes, 1990.

GARCIA, Regina Leite (Org.). *Alfabetização dos alunos das classes populares.* 6ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2006. p. 7-85

GENTILE, Paola. Transformação que vem das letras. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 2007, n. 208, p. 54-57, Dez. 2007.

GONTIJO, Antônio Tadeu de Sousa. Artigo: *A importância da leitura na escola de ensino médio: Um diferencial de crescimento e enriquecimento cultural, social, intelectual na formação do cidadão no mundo globalizado.* [S.l.: s. n., entre 2000 e 2009].

LEÃO, José Antonio Carneiro. *Considerações sobre o Projeto Escola Aberta: Perspectivas para uma agenda de lazer.* 2005. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso- Instituto de Formação e Desenvolvimento Profissional da Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2005.

MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler: os clássicos universais desde cedo.* Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 145 f

MARANGON, Cristiane. O direito de aprender, *Revista Nova Escola.*

MEDEIROS, Martha. A elegância do conteúdo. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 6 de jun. 2010, Revista O Globo, p. 30.

MOÇO, Anderson. Gêneros, como usar. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 2009, n. 224, p. 48- 57, Ago. 2009.

Neto, Lauro. Prazer obrigatório. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 23 de mar. 2010. Caderno Megazine, p. 10-13.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997. p.11

PAULA, Daniela de. Inclusão Digital. *O Terminal*, Niterói, 19 de fev. 2010. Cidades, p. 2.

PENAC, Daniel; tradução de Leny Werneck. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993. 167 f.

PONDÉ, Gabriel. Games invadem as escolas: jogos vêm sendo usados por instituições para aumentar o interesse dos alunos em estudar. *Jornal O Extra*, Rio de Janeiro, 18 de mar. 2010, Info Extra, p. 3.

PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa; MOREIRA, Lucinéia de Souza Gomes. Prescrição de leitura na escola e formação de leitores. [S.l.], *Ciências & Cognição*, 2008; Vol 13, Publicado *on line* em 10 de dezembro de 2008. <<http://www.cienciasecognicao.org>>

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003. 11 ed. p. 47-113

UPDATE. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de jun. 2010. Caderno Digital, p. 4-5.

ZAHAR, Cristina. Os livros resistirão às tecnologias digitais. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 2007, n. 204, p. 22-26, Ago. 2007.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia. *Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global. 194. p. 3-24.

#### **SITES ACESSADOS ENTRE SETEMBRO DE 2009 A MARÇO DE 2010:**

<http://www.cedes.unicamp.br>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamlet>

<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL1541359-5604,00-POLICIA+ENCONTRA+MIL+LIVROS+EM+LIXAO+DE+GOIAS.html>

<http://nossasaopaulo.org.br/portal/node/211>